

# ASPECTOS RELEVANTES DA COMPREENSÃO DA LINGUAGEM EM JÜRGEN HABERMAS

Ewerton Venâncio Mariani<sup>1</sup>

Prof. Dr. José Pedro Luchi<sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo em questão tem como enfoque apresentar uma visão sobre a linguagem, sobretudo de uma ótica pragmática, é por meio dela que o sujeito se torna coadjuvante no processo de compreensão de si mesmo. Há uma aproximação fundamental com os mais diversos tipos de interação social, ou seja, é pela linguagem em determinado contexto que se pode compreender os mais diversos aspectos, sejam eles: a cultura, a sociedade e a personalidade. Em um ambiente, marcado pela linguagem o próprio Eu só pode ser revelado e construído através de mecanismo de socialização, sobretudo nos mais diferentes âmbitos aos quais o sujeito é submetido a estar. O sujeito se revela em uma ampla relação linguística-social-psicológica, sendo que este se (auto) reconhece, não somente como sujeito falante ao mesmo tempo como agente social. Nesse sentido a linguagem ganha um enfoque pragmático, uma vez que as relações entre falante e ouvinte precisam ser compreendidas, analisadas e principalmente postas em evidência. A teoria acerca da linguagem presente em Jürgen Habermas é caminho de legitimação do próprio sujeito na sociedade, para uma convivência em uma sociedade não violenta. Desta forma aqui serão apresentados os aspectos pertinentes e relevantes de como a linguagem é compreendida para este pensador.

**Palavras-chave:** Entendimento. Linguagem. Pragmática. Pretensões de Validade. Discurso.

## ABSTRACT

This article focuses on presenting a vision of a language, especially from a pragmatic perspective; through itself, the subject becomes a co-adjutant in the process of understanding itself. There is a fundamental approach to the different types of social interaction and similarly a language in a given context can be used to understand the most diverse aspects of culture, society and personality. In an environment marked by language, the self can only be revealed and built through socialization mechanism, especially in the most different areas in which the subject is subjected to be. The subject is revealed in a broad linguistic-social-psychological relationship, and it recognizes itself, not only as a speaking subject but also as a social agent. In this sense, the language gains a pragmatic focus, since the relations between the speaker and the listener needs to be understood, analyzed, and mainly put in evidence. The theory about a language present in Jürgen Habermas legitimizes the subject itself in a society, for coexistence in a non violent. Thus, this study aims to present the relevant aspects of how a language is understood by a thinker.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Filosofia do Centro Universitário Salesiano. E-mail: ewertonvmariani@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. É Graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Montes Claros, possui ainda graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em filosofia moderna, contemporânea e filosofia do Direito. Ultimamente vem pesquisando também no âmbito da Filosofia da Religião (Kant, Hegel, Habermas). E-mail: luchi-jp@hotmail.com

**Keywords:** Understanding. Language. Pragmatics. Pretensions of Validity. Speech.

## 1. INTRODUÇÃO

Dentro do campo da filosofia contemporânea, a linguagem ocupa lugar de destaque no pensamento filosófico, sobretudo evidenciada pelos pensadores do século XX. Nascido em Düsseldorf, Alemanha, em 18 de junho de 1929, Jürgen Habermas não é primeiro filósofo da linguagem e nem é este o foco de seu trabalho, entretanto o seu pensamento constitui-se de ampla aplicabilidade nos campos sociais, uma vez que o uso da linguagem, muito mais que uma ferramenta, ela torna-se possibilidade emancipatória, uma vez que o sujeito forma sua consciência crítica na comunicação. É pela linguagem que o homem é e se faz no mundo, redescobrando-se agente ativo das mais diversas transformações em todos os campos da sociedade. A linguagem permite ao sujeito tomar consciência de sua intrínseca ligação com o mundo que o cerca, projetando e se deixando formar pelas ações comunicativas nas mais diferentes formas de discurso.

Nesse sentido Habermas entende que todos devem fazer parte do discurso, assim não se pode pensar em uma comunicação efetiva sem que ela produza reflexão a todos os envolvidos, por mais simples ou complexo que seja o diálogo sempre há um enfoque participativo e que se amplia no campo da racionalidade. Como membro da Escola de Frankfurt, e herdeiro da teoria crítica de T. Adorno e M. Horkheimer, Habermas parte de uma análise profunda da sociedade, construindo um conceito de racionalidade novo que se encontra necessariamente nos processos de comunicação intersubjetiva. Ao tratar o aspecto da dimensão da linguagem como formação da consciência do sujeito, ele observa os processos comunicativos como processos de ação que dependem quase que necessariamente da própria ação do sujeito. Nesse interim a linguagem assume um sentido que conduz a um verdadeiro entendimento, conduzindo o sujeito a sua autêntica emancipação.

A problemática filosófica se observa, no entanto, no discurso, sendo este um elemento da própria intersubjetividade do sujeito, na medida em que esta perpassa o imaginário, transformando aquilo que é simbólico em ferramentas de ação, do real. Ao dar ênfase ao aspecto linguístico presente no pensamento de Habermas, pretende-se fazer uma grande aproximação com o campo da filosofia da linguagem.

Partindo do objetivo geral da pesquisa é possível classificar tal estudo como uma pesquisa de cunho exploratório, uma vez que é necessária uma intensa busca bibliográfica para executar tais análises e apontamentos propostos. Os grandes conceitos aqui abordados como sujeito e

linguagem, ganharão forte relevância à medida que tal autor toma em seu pensamento outras análises de grandes pensadores que parecem contribuir com sua teoria e seu pensamento, haja vista que a questão linguística é um assunto que perpassa a própria temporalidade da história, e que aqui permearão principalmente a contemporaneidade.

O grande arcabouço que perpassa os capítulos é percorrer em um caminho cujo papel fundamental passa pela compreensão da linguagem na formação da identidade do sujeito, a partir do pensamento de Habermas, e continua sendo discutido nos aspectos fundamentais de sua teoria linguística a partir da questão dos atos de fala e da questão pragmática dentro de um discurso como resposta ao questionamento de pretensões de validade de diversos tipos, levantadas na ação comunicativa e que devem ser resgatadas diante de um público hipotético ilimitado. Como forma de verificação, a partir da racionalização do discurso é preciso permear pelo contexto que a linguagem é “pensada” enfatizando os novos horizontes linguísticos contemporâneos.

## **2. A GUINADA LINGUÍSTICA**

Ao sujeito que se reconhece dentro de um processo de formação de consciência os aspectos linguísticos são fundamentais. A linguagem é um processo de reconhecimento a partir fundamentalmente do reconhecimento intersubjetivo, assim pressupõe-se então que neste construir existem entraves que precisam ser superados para uma comunicação mais efetiva e mais linear. O modo de participação em determinados discursos talvez seja um dos fortes entraves, ouvinte e falante devem participar visto que é um processo que depende do outro para se estabelecer de maneira coesa e objetiva. Segundo Saussure (2006, p.16): “A linguagem tem um lado individual e um lado social sendo impossível conceber, um sem o outro.” Nesse sentido o individual deixa de ser para se passar pelo outro ao conjunto de relações que abrem caminhos para se efetivar uma comunicação capaz de conduzir ao entendimento os participantes do processo. Ao afirmar que o campo linguístico é, portanto, um campo filosófico, nesta perspectiva a linguagem, e o saber racional se entrelaçam conduzindo o sujeito a interpretar-se a si mesmo e buscar sua significação no mundo.

Uma das grandes dificuldades é pensar a intersubjetividade haja vista que a relação sujeito com sujeito depende de cada contexto, como também da própria história, as relações do Eu com o Tu acabam encontrando obstáculos e às vezes é um dos obstáculos que precisa ser superado. Para Benveniste (1988, p.186):

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em

reciprocidade – que eu me torne tu na alocação daquele que por sua vez se designa por eu. Vemos aí um princípio cujas consequências é preciso desenvolver em todas as direções. A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso o *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a mim, torna-se o meu eco – ao qual eu digo tu e que me diz tu.

A guinada linguística só foi possível porque os filósofos da linguagem tiveram a capacidade de readaptar paradigmas, que não mais davam respostas as próprias transformações em curso na própria história, uma vez que foram capazes de olhar para as teorias já lançadas e abarcar novos conceitos cujas relações intersubjetivas no mundo são alocações no próprio contexto do momento vivido.

## 2.1 A PASSAGEM DA FILOSOFIA DA CONSCIÊNCIA À FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Evidentemente que há na linguagem caminhos subjetivos, mas que às vezes precisam ser rompidos para que o homem se revele de maneira crítica não somente como um ser em constante busca de respostas, mas como aquele que também é capaz de questionar, discutir, levantar questões pois somente assim os novos conhecimentos poderão se fato construídos, identifica-se que este é o próprio papel do “fazer” filosofia. Dentro da filosofia, no entanto o fenômeno linguístico não é nenhuma novidade, desde Platão a Wittgenstein encontramos nas palavras a significação de objetos e coisas presentes do mundo, palavras, sons, símbolos, proposições não são novidades do mundo moderno que se é apresentado pois estes sempre acompanharam o pensamento filosófico. Em linhas gerais o que Habermas faz é ampliar as teorias já existentes, partindo de teóricos que ampliaram o campo de análise acerca da linguagem como Jonh Langshaw Austin e Jonh Rogers Searle. Habermas entende que o sujeito é protagonista e esse sujeito necessita de comunicar-se, de expressar-se nas próprias ações e concomitantemente ampliando o discurso à medida que participa efetivamente pelo simples ato de falar. Ao romper com os campos já consolidados da filosofia pela linguagem ele abre âmbitos significativos e elementares sobretudo nos campos da intersubjetividade uma vez que o grande arcabouço teórico agora a ser produzido é uma comunidade argumentativa que seja capaz de chegar a um consenso.

O sujeito que antes era pensado de uma maneira transcendental, perpassa em um amplo caminho hermenêutico na modernidade que representou uma gama de percepções fundamentais no mundo pós-moderno favorecendo assim uma reflexão importante. Uma vez que se observa a necessidade do discurso nos processos sociais considera-se os âmbitos comunicativos como processos nos quais estes se dão na história, levando o sujeito a uma relação interpessoal que pode ser observada num conjunto de comunicação em que todos os

agentes assumem para si um caráter emancipatório, onde discurso e prática alinham-se na busca de uma justificação necessária para o mundo no qual este está inserido, esta emancipação só poderá ser obtida a medida em que os discursos sejam fundamentados, verificados e validados.

Segundo Boiago (2020, p.125):

Na filosofia da consciência o sujeito era visto como o elemento central e capaz de assumir o mundo como um objeto. No paradigma comunicativo o sujeito é obrigado a entender-se com outros acerca do que significa realmente de fato conhecer. Esse comportamento resultará em um enfoque performativo do entendimento mútuo entre os sujeitos capazes de ação e de fala.

Se já com Wittgenstein ocorre uma virada pragmática linguística é com Habermas que ela se amplia fundamentalmente. Para ambos o hábito, pela gramática dos jogos de linguagem, é o elemento que propaga e antecipa ao sujeito a concepção de linguagem, fundamentado na relação sujeito → mundo → sujeito. Embora identificada essa aproximação, faltou talvez em Wittgenstein uma associação ampla dos jogos com o comportamento no todo juntamente com a reflexão crítica do sujeito, tornando-se em jogos argumentativos. Habermas assim aponta inconsistências no II Wittgenstein. Sobre esse aspecto, referindo-se às duas fases do filósofo, comenta Luchi (1999, p. 473):

Wittgenstein, para Habermas, oscila entre um Sujeito transcendental, implicado por uma linguagem-padrão e a fragmentação desse sujeito implicada nos jogos linguísticos múltiplos e sem pontes. [...] A formação da identidade do eu implica inserção na intersubjetividade gramaticalmente articulada, mas ao mesmo tempo algum desvio de, não-identidade.

A tomada de consciência do sujeito é processual na medida, no entanto em que este é lançado em um espectro fundamentalmente passando de um simples situar-se no mundo, mas numa relação universal, que depende do outro nos mais diferentes processos, pois como salienta Lima Vaz (2001, p. 220): “[...] só o sujeito tem diante de si um mundo a afrontar, ou seja, capaz de compreender e transformar [...]”. Assim nesse conjunto o expressar-se de maneira autêntica e determinada é unificada na própria intencionalidade no mundo expressa pela linguagem. Pensar em uma conformidade linguística é quase que um elemento impossível haja vista que a linguagem perpassa por campos intersubjetivos e criativos ligadas ao aspecto psico-antropológico do sujeito.

Por tempos a linguagem significou apenas os estudos voltados para aspectos linguísticos, cujo mote basilar era compreender a fala e a escrita, contudo no século XX, as análises, sobretudo no campo da filosofia, sobre os processos linguísticos ganham força, dado que as transformações contribuíram para análises mais pontuais, uma vez que a integração com o mundo a partir das interações sociais projetou a o homem para um novo projetar-se, agora em

uma vertente mais pragmática do que apenas usual, por isso há uma virada, dentro da filosofia que volta seu olhar mais analítico para a linguagem. A força motriz da linguagem é, portanto, expressão do sujeito que se manifesta no mundo. Segundo Merleau Ponty (1991, p.96):

Expressar, para o sujeito falante, é tomar consciência; ele não expressa somente para os outros, expressa para saber ele mesmo o que visa. Se a palavra quer encarnar uma intenção significativa que não passa de um certo vazio, não é só para recriar no outro a mesma carência, a mesma privação, mas também para saber de que há carência e privação.

Sob essa perceptiva é importante levar em conta que a linguagem acontece na própria singularidade do sujeito que ao lançar mão da palavra em um discurso o faz a partir de desdobramentos que levam em conta uma análise reflexiva a partir sobretudo de percepções que permitem enaltecer a expressão como uma verdadeira e ampla participação do meio em que é estabelecido os processos de fala. As relações do eu com o outro, como também do eu consigo mesmo se tornariam obsoletas se não houvesse a linguagem pois não representariam o que é e como de fato se revela o conhecimento, o próprio aspecto da existência do sujeito perpassa por este caminho de reflexão.

É preciso considerar uma aproximação desses elementos com a própria questão da racionalidade, haja vista que o sujeito racional consciente de si, toma pela linguagem a direção de um caminho no qual a comunicação é pensada a fornecer um itinerário absoluto e que está constantemente inerente a capacidade do sujeito em alcançar uma verdadeira percepção crítica no mundo e para o mundo.

A pragmática linguística contemporânea revela-se justamente neste sentido, realocando o sujeito agora num lugar de apropriação da linguagem, uma vez que ela deixou de ser vista como associação de nomes a coisas ou como instrumento que apenas comunica aquilo que é exterior do homem ao conteúdo do pensar como tal.

A análise de vivências interiores impressas de maneira subjetiva da consciência apoiada em experiências internas da intuição intelectual, ou na própria evidência do mundo permanecem como marca negativa de um difícil acesso intersubjetivo e somente a dimensão pragmática pode romper tal barreira presente de maneira basilar no pensamento hebermasiano (LUCHI, 1999). Essa dimensão pragmática é responsável por legitimar as próprias ações comunicativas do sujeito a partir do contexto, tal dimensão se apresenta em um programa amplo, cuja função principal é fornecer a reconstrução de uma base de validade universal da fala, sem tomar somente um único caminho como fonte única, mas ser representadas nos dilemas que a própria filosofia se apresenta como universidade/particularidade e necessidade/contingência. Habermas ao falar de uma pragmática levanta as estruturas da linguagem, atreladas ao poder

que a linguagem tem de transformar os mais diferentes contextos múltiplos de construção de identidade como as artes, as ciências, e os mais diversos “sistemas” (economia e política) da sociedade (OLIVEIRA 1996).

A consciência do sujeito enquanto base fundamental é compreendida unicamente como eixo central para todo o conhecimento no mundo moderno precisou ser desvelada, e sobretudo trazendo consigo novos aspectos de como a mesma pode ser concebida, o fato é que muitos movimentos que se sucederão sempre fizeram questão de integrar esse sujeito, aos novos campos de intersubjetividade dentro de toda a percepção, onde é capaz de se colocar independente e autônomo, tomado por uma posição de centralidade, deixando-se formar por uma integração social pautada pela consensualidade.

O ponto de partida que se apresenta não é mais um conhecimento, um saber integrado por elementos que leve apenas em conta as experiências desses sujeitos com o mundo, mas um sujeito que se aprende na compreensão de sua linguagem, das expressões e representações desse mundo e dos objetos, sendo assim a construção desse mundo subjetivo se dá numa ação voltada ao entendimento que conseqüentemente não pode ser pensada de maneira individualizada. Agora mais que necessário se faz preciso considerar o outro, sobretudo em um ambiente que considere a tríade: comunicação -> integração -> ação de maneira pública, portanto estamos falando de um saber que se dá no mundo e este torna-se significativo ao passo que é de fato experimentado. Sobre isso para Ricoeur (2000, p. 27): “A comunicação é, deste modo, a superação da radical não comunicabilidade.” A superação da filosofia da consciência não é uma questão totalmente resolvida visto que os processos de constituição e identidade do sujeito estão em constante transformação, soma-se a isso a rápida facilidade que os meios tecnológicos nos proporcionam.

### **3. A AMPLIAÇÃO LINGUÍSTICO-PRAGMÁTICA EM JÜRGEN HABERMAS: IMPLICAÇÕES DE UMA TEORIA COMUNICATIVA**

Habermas não vê na razão um processo acabado e autossuficiente para se alcançar um único conhecimento. O Eu-penso apresenta-se apenas como indicador racional, sem carga de objetivação das coisas no mundo e as relações subjetivas ampliadas por Hegel, sugerem que esse sujeito deve ser visto em seu todo, uma vez que segundo ele: A consciência na vida cotidiana tem, em geral, por seu conteúdo, conhecimentos, experiências, sensações de coisas concretas, e pensamentos, princípios que valem para ela como um dado ou então como ser ou essência fixos e estáveis. (HEGEL, 1988, p.47). Habermas dá um novo sentido a essa perspectiva pois, como apresenta Luchi (1999, p.80):

Habermas inspirando-se em Hegel, introduz um novo sentido do Eu, não mais monológico, mas como um movimento dialético de identidade entre singular e universal. Além disso faz uma leitura das cisões e reconciliações hegelianas numa chave comunicativa, como repressão-interrupção, seguida da livre comunicação.

Kant e Hegel aparecem como os grandes eixos da modernidade, uma vez que ambos fundamentam suas teorias em aspectos intimamente ligados a relação de sujeito como o Eu-mundo e Habermas toma ambos como eixos que precisam, no entanto, ser ressignificados.

O sujeito em Habermas, no entanto não é mais um sujeito pensado apenas em uma perspectiva restritiva a uma teoria hegeliana ou kantiana, mas um sujeito que passa da reflexão para uma verdadeira emancipação, por meio do processo de entendimento (*Verständigung*)<sup>3</sup> e isso só é possível por meio da comunicação. Assim para Habermas (1989, p.19):

Se renunciarmos a ideia de que o filósofo posso conhecer algo sobre o conhecimento que ninguém jamais poderia igualmente conhecer, isso significa que não devemos mais partir da suposição de que sua voz possa ter a pretensão de ser ouvida pelos demais participantes do diálogo, como a primeira e a última a ser escutada.

Neste aspecto Habermas espera que tal superação possa efetivamente romper com a condição de não comunicação desse sujeito. Habermas elenca quatro motivos como determinantes para a ruptura com a tradição da filosofia do sujeito: o pensamento pós metafísico, sobretudo marcado pelo afastamento das tradições, e não mais como uma reafirmação do Uno enquanto tal, mas como possibilidade na própria multiplicidade; a guinada linguística que como vimos anteriormente, forneceu não só elementos fundamentais para o pensamento contemporâneo, mais representou e modificou as percepções do sujeito no próprio mundo, vemos ainda que o modo de situar a razão, sobretudo pela cientificidade tão debatida desde as concepções do Círculo de Viena, até mais recentes descobertas, a razão viu-se perpassar não somente por aquilo que é prático, mas que intersubjetivo ao próprio sujeito, por último a inversão do primado da teoria frente a prática, que permitiu a esse sujeito ainda mais autonomia na sua própria universalidade no mundo. De fato, esses elementos elencados aqui elevaram a própria filosofia contemporânea, uma vez que há uma forte ampliação do campo de análise e da construção do pensamento, não mais tomada somente como manifestação da consciência, mas de como essa se dá de maneira ampla no mundo. Sobre essa questão, comenta Luchi (1991, p. 314):

A pragmática considera a contextualização das expressões linguísticas, os papéis do diálogo, o tipo de posição do falante. A linguagem comenta a si mesmo, esclarece de seu interior mesmo as intenções do falante ela é auto-refente. Somente no nível de

---

<sup>3</sup> Para Habermas esse conceito remete-se a um entendimento mútuo, ou seja, é um acordo racionalmente motivado alcançado entre os participantes do discurso, uma vez que as pretensões de validade de crítica estão em jogo no processo comunicativo.



uma pragmática formal é possível recuperar muitas dimensões da filosofia do sujeito que tinham sido perdidas.

Em todo o caso, uma vez assim tomada essa reflexão entende-se que ação linguística se apresenta como uma ampla possibilidade, onde essa deve ser universalizada elevando o próprio caráter individual e ampliando-se a uma formação que se dá nos processos de socialização desse sujeito, onde há uma profunda e necessária integração do Ego (Eu) e de um Alter (outro) que se integram fazendo surgir um modelo que considere a intersubjetividade dos sujeitos, sobretudo como mesma competência linguística nesse meio. Nesse cenário Luchi (1999, p.325) adverte que:

A razão comunicativa não se reconduz a um sujeito que estrutura o mundo sendo ele mesmo alheio ao mundo, nem força a história a se enquadrar em uma teleologia circular. O desnível entre mundo inteligível e mundo sensível não precisa mais ser preenchido por uma filosofia da natureza e da história, mas se ameniza como incondicionalidade das pretensões criticáveis de validade e facticidade de tomadas de posição sim- não contextualizadas.

Como se pode verificar a razão comunicativa é um processo circular, não é processo definidor e nem precisa ser completamente preenchido, o que se busca é um processo de equilíbrio onde as pretensões criticáveis, ou seja, aquela que estão em jogo no discurso possam de tomadas em contexto, ou se tornam parte do contexto, dado que ao mesmo tempo em há um processo de iniciação, há um produto que é baseado nas tradições no qual o sujeito se encontra, assim este já está consolidado nos próprios processos de socialização que são criados constantemente, as perspectivas dos participantes condicionam as tomadas de posição.

A razão comunicativa em linhas gerais apresenta novas possibilidades, de maneira participativa, interativa, criativa e principalmente atuando como estímulo do sujeito a estar por completo no motor das ações sociais. Para Habermas (2012, p.224): “Todo consenso repousa sobre o reconhecimento intersubjetivo de pretensões de validade criticáveis, pressupõe-se aí que os que agem comunicativamente são aptos à crítica mútua.” A cerca de tal questão veremos melhor adiante tais implicações.

#### **4. AS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS PRESENTES NA TEORIA HABERMASIANA**

A linguagem para Habermas é inicialmente o fundamento chave de toda sua teoria acerca do agir comunicativo, nesse sentido para Habermas a linguagem possui três pilares fundamentais, cujas funções podem ser observadas nas relações linguísticas, a primeira é a função da reprodução cultural, ou de trazer presente as tradições, ou seja trazendo ao meio aquilo que já faz parte da história do sujeito, na segunda função Habermas vai ao encontro de uma maior integração social dos diferentes atores do processo comunicativo e por último a linguagem

tem função de socialização de uma interpretação cultural a partir das necessidades pré compreendidas pelo sujeito (HABERMAS, 1989). Compreender o que é dito para Habermas, no entanto não requer apenas uma ampla observação analítica, uma vez que o sujeito não seria capaz de se compreender apenas observando, mas efetivamente participando do processo em sua totalidade. Para Siebeneichler (1990, p.62):

[...] o sujeito cognoscente não é mais definido exclusivamente como sendo aquele que se relaciona com objetos para conhecê-los ou para agir através deles e dominá-los. mas como aquele que durante seu processo de desenvolvimento histórico é obrigado a entender-se junto, com outros sujeitos sobre o que pode significar o fato de “conhecer objetos” ou “agir sobre objetos”, ou ainda dominar objetos ou coisas.

Fundamentalmente Habermas amplia a questão do entendimento para uma comunicação a partir de um consenso que se estabelece por meios de estruturas racionais que são capazes de conduzir a um itinerário, uma vez que segundo Siebeneichler (1990, p.94): “Habermas não o define [o entendimento] como sendo um consenso já obtido, mas como um processo comunicativo voltado para a obtenção de um consenso (*Verständigung*).” A linguagem assim tende-se a se tornar estrutura geral destes processos comunicativos. Segundo Luchi (1999, p.325):

Em relação a linguagem os sujeitos são ao mesmo tempo dependentes e autônomos. A linguagem não apenas abre um horizonte de sentido que possibilita as ações dos sujeitos, mas ao mesmo tempo exige realizações próprias, quer dizer, o horizonte de sentido não está isento de crítica a partir das realizações que possibilita.

É importante sobretudo levar em consideração que os aspectos acerca do entendimento não são nenhuma novidade dentro do campo filosófico, com Habermas a questão ganha enfoque em um entendimento que perpassa necessariamente por interações linguísticas consensuais de forma a fornecer as bases para a ação do sujeito sobretudo visto em um aspecto intersubjetivo pensando no mundo da vida, (*Lebenswelt*)<sup>4</sup>. Esse mundo da vida pensando por Habermas é onde se dão as relações e se estabelecem as mais diversas evidências sociais, o horizonte do se autoprojetar do sujeito representa o pano de fundo das normas que orientam a prática da vida no mundo. O mundo da vida o qual Habermas apresenta em sua teoria comunicativa é um verdadeiro pano de fundo para seu caminho no agir comunicativo.

Para Luchi (1999, p.225): “O mundo da vida funciona como reservatório de convicções, às quais o agente recorre para a produção de um consenso, e que não restringe seu espaço de ação”. Os desafios complexos do campo social fazem com que este mundo da vida no qual Habermas apresenta torne-se racional pela comunicação.

---

<sup>4</sup> As bases estruturais do Mundo da Vida se constituem processo latente da ação comunicativa habermasiana, a saber elas são: a cultura, a sociedade e a personalidade.

Diante dessa perspectiva, Lourete (2019, p.47) afirma que: “o filósofo de Frankfurt analisa que a tradição deve apresentar qualidades formais, a fim de possibilitar orientações e interpretações racionais para a ação em um mundo da vida”, assim verifica-se que a tradição cultural é capaz de produzir expressões e condições válidas.

Este mundo assim representa os sentidos, um conjunto de crenças que precisam se fazer nos processos de ação comunicativa e estes podem ser sobretudo evidenciados nas tradições culturais desse agente comunicativo.

Há de se ressaltar que dentro desse processo a linguagem está intrinsecamente interligada com esse sujeito na medida em que aquele que fala e aquele que ouve agem pela racionalidade para alcançar o entendimento, pois partindo desses pressupostos é que Habermas considera a comunicação fundamental na formação sociocultural do sujeito, visto que o mundo da vida é um interlaçar-se da cultura, da sociedade e do próprio sujeito histórico. Sobre esse aspecto Pinzini (2009, p.85) afirma:

Habermas institui uma conexão entre sua filosofia da linguagem e sua teoria do agir, já que, desta maneira, se possibilita a passagem de uma teoria semântica a uma pragmática universal, que representa a base para a teoria do agir comunicativo.

É importante destacar que a linguagem é identidade, ou seja, o que somos, é o que comunicamos. Para Gradisky (2011, p.86), nesse interim, um questionamento ganha destaque, à medida que: [...] “podemos reconhecer no sujeito em construção, pela sua formação moral e de identidade, a busca permanente de ser ator da própria construção social, ou seja, protagonista do seu mundo de vida?” Por isso Habermas acredita em uma disposição necessária positiva que a pessoa precisa ter diante do entendimento, por isso a exterioridade de valores culturais e normas sociais constituem as expressões que esse sujeito racional precisa tomar consciência. Para Habermas (1996, p.47) as implicações linguísticas são extremamente relevantes pois:

A proposta de investigação da utilização da linguagem em termos de competência teórica implica uma revisão dos conceitos de competência de uma tal forma que torne adequada a exigência de que as propriedades fonéticas, sintáticas e semânticas das frases sejam investigadas do ponto de vista linguístico no contexto de uma reconstrução linguística.

Certamente haja vista, como vimos até aqui, que é por meio da linguagem que as relações se estabelecem e ganham “força” na medida em os sujeitos figuram-se como protagonistas, tornando-se agentes não somente participações, mais comprometidos com todo o processo. Como Habermas mesmo destaca não é simplesmente o fato de falar que garante a comunicação, mais o conjunto de elementos estruturais necessários.

#### 4.1 OS TIPOS DE PROPOSIÇÕES

A teoria dos atos de fala presente em Habermas, provém de Austin. Esse considera que estes podem ser de três tipos: locucionário cuja a equivalência entre sentença entre o sentido e a referência, dado em conjuntos com os sons e a gramática, por sua vez os atos ilocucionários são os conjunto de “forças” da palavra, como por exemplo, e que podem aparecer de maneira objetiva (explícita) ou subjetiva (implícita no conjunto da significação) e por último encontra-se os atos perlocucionários que buscam exercer um efeito a uma ação dos interlocutores, fazendo que estes tenham a capacidade de executar ou não tais ações. Os atos ilocucionários são a base do pensamento de Habermas pois consideram um ato além da fala, por exemplo, algum conselho, ou recomendação carregam em si uma força de ação.

Habermas dá um passo além ao elevar tal teoria dos atos fala ao campo de uma pragmática formal, presente no mundo experimentado do sujeito e de maneira universal. Os processos constitutivos da racionalidade comunicativa entendida por Habermas perpassam de maneira intrínseca a um caminho de ação social, evidenciando assim os processos racionais por meio de critérios coordenados cujo aspecto fundante é a intersubjetividade da ação. A racionalidade constituinte dos processos é fundamental pois para Habermas (2012, p.148): “o conceito de racionalidade comunicativa remete a diversas formas de resgate discursivo das pretensões de validade.”

Assim fica evidenciado o ambiente no qual a ação comunicativa se “faz” em detrimento das fundadas relações dos atores principais da comunicação. Sendo assim surgem os três tipos elementares de atos de fala: o primeiro são os atos de fala constativos ou assertivos, cuja principal característica é promover a conversação dos falantes, afirmando algo no mundo objetivo; por seguinte apresentam-se os atos de fala normativos ou regulativos, que são dirigidos por normas já estabelecidas no mundo social, em ambos os dois primeiros modelos aparecem um saber que é percebido sobretudo no campo moral, científico e no discurso epistêmico, por conseguinte os atos dos de fala expressivos apresentam o sujeito por elementos culturais revela-se face a face com o outro falante por meio de expressões estéticas, pela arte atreladas das experiências pessoais de cada sujeito.

Os atos de fala, são peças de um modelo constitutivo, inicialmente podem ser concebidos de maneira unilateral no processo de comunicativo, ou seja, elencados por quem está com poder de fala, mas que perdem paulatinamente esse poder unilateralidade, devido a várias possibilidades de jogos de linguagem. Mediante a esses tipos de atos de fala aparece o aspecto

comunicativo cujo enfoque, como já sabemos é o consenso a partir de aspectos estruturais da própria linguagem. Em linhas gerais, para Habermas (2012, p.184):

Como se demonstra nas abordagens etnometodológicas<sup>5</sup> e filosófico hermenêutica, certamente há aqui o risco de reduzir o agir social às realizações interpretativas dos participantes da comunicação e de equiparar agir a falar, interação e conversação. De fato, contudo, o entendimento por via linguística é apenas o mecanismo da coordenação da ação que, em face dos planos de ação e das atividades propositadas dos envolvidos, integra tais planos e atividades à interação.

Para melhor compreender os processos, o quadro a seguir sintetiza muito bem todo o pensamento de Habermas ao traçar um paralelo entre os conceitos chaves.

Quadro 1 – Visão global dos conceitos da teoria habermasiana:

<b>Domínios da Realidade</b>	<b>Modos de Comunicação</b>	<b>Pretensões de Validade</b>	<b>Funções gerais do discurso</b>
O mundo da Natureza Externa (Mundo Objetivo)	Atitude Objetivante (Ações Normativas)	Verdade	Representação dos fatos (Cultura)
“Nosso mundo” de Sociedade (Mundo Social)	Atitude Interativa (Ações Conformativa)	Correção	Estabelecimento de relações interpessoais Legítimas (Sociedade)
“Meu” mundo de natura interna (Mundo Subjetivo)	Atitude Expressiva (Ações Expressivas)	Sinceridade Veracidade	Revelação da subjetividade do falante (Pessoa)
Linguagem	Junção de todos os modos de comunicação	Inteligibilidade	Resgate das proposições

Fonte: Adaptado de Habermas (2004).

## 4.2 AS PRETENSÕES DE VALIDADE

A fala é a ferramenta modular para obter o entendimento. Indubitavelmente o grande núcleo do aspecto linguístico habermasiano, como apresentado no quadro acima, está nos quatro grandes postulados universais, de como o argumento se constitui parte inerente ao mundo da vida.

O primeiro grande postulado, se dá por meio da verdade em um mundo objetivado, no qual todos que estão participando deste jogo devem ter a mesma chance de interpretar, explicar, justificar, levantar apontamentos, problematizar os mais diversos pontos. A verdade é condição inicial para se estabelecer quais quer elementos de compreensão entre os sujeitos. O segundo é a correção onde aquele que fala, pode opor-se ou concordar, fazer promessas ou retirar promessas no decorrer do discurso, constituindo assim o mundo social, a oposição ou

<sup>5</sup> Se referem a abordagens dentro da dinâmica do contexto social e cultural, para dar sentido e ao mesmo tempo agir no mundo. A atitude de comunicação, de tomar decisões exemplifica tal conceito para o nosso pensador.

correção não deve configurar exclusão do sujeito do processo, pelo contrário deve permitir novas “vertentes” em suas concepções críticas.

O terceiro é veracidade e a sinceridade, onde todos que falam devem ter a mesma chance de expressar suas ideias e sentimentos pessoais, mas não somente isso, uma vez que cada sujeito apresenta em si mesmo opiniões que necessariamente vão diferenciar-se em um determinado momento do discurso, a medida em que há uma troca de experiência, há efetivamente um caminho para o entendimento sobretudo em um campo subjetivo.

A sinceridade é expressão dos próprios valores e visões daquele que fala. Por último a igualdade comunicativa, só será efetiva à medida de uma inteligibilidade e ampla compreensão onde todos os que estão participando de determinado discurso devem usar os atos de fala, como se fosse de fato um jogo em que as regras possam valer para todos, não como universalidade Kantiana individualização ao todo, mas estabelecida por todos ao próprio eu. Assim é interessante salientar que o discurso é processual, e Habermas reconhece o discurso como emancipador, uma vez que revela a identidade do sujeito como tal (SEIBENEICHLER, 1990).

A medida em que uma pretensão é colocada em xeque, há uma pausa na ação comunicativa. Segundo Lourete (2019, p.38): “Esse impasse pode ser resolvido pelo discurso, isto é, um processo argumentativo regulado por pressupostos da situação ideal de fala que resgatará as pretensões de validade suspensas.” A situação ideal de fala é um caminho fundamental para o discurso, pois permite a ambas as partes participação com igual capacidade dos discursos, com a mesma igualdade para criticar, fazer apontamentos, propor caminhos.

O cerne do pensamento habermasiano é considerar substancialmente as pretensões de validade, pois sem elas a opção de comunicação efetiva não assume um caráter de ação, e não só este perde força como invalida todo o processo. Segundo Luchi (1999, p.171):

A situação ideal supõe, mesmo antes do discurso propriamente dito, uma ação comunicativa pura [...]. A situação ideal de fala é projetada por Habermas, como ele mesmo destaca, não a partir de características da personalidade do falante, mas das estruturas da comunicação, isto, da simetria de oportunidades e assunção de papéis no diálogo.

#### 4.3 O USO ESTRATÉGICO E COMUNICATIVO DA LINGUAGEM

O uso estratégico e comunicativo da linguagem se evidenciam no pensamento de Habermas podem ser observados, a medida em que se apresentam nas próprias ações sociais do sujeito falante, ou seja, o uso estratégico da linguagem é visto pelo seu uso prático, no qual a linguagem traz em si uma significação à determinadas informações, sem muitos rodeios e de maneira simplista, em sentido amplo podem-se entender esse uso estratégico aparece como uma ferramenta de coação e no poder de uma das partes envolvidas na linguagem, a função

principal é demonstrar manipulação, a partir de uma comunicação distorcida, coisificando o sujeito e o levando no aspecto geral a distorção da ação comunicativa.

Para Habermas se analisadas as diferentes formas de linguagem em determinados campos verifica-se a ampla utilização de uma linguagem estratégica como aspecto de dominação e este campo pode trazer sérias consequências inerentes ao processo comunicativo.

Já o uso comunicativo essencialmente busca critérios mais amplos uma vez que deve levar ao consenso, o entendimento a partir da legitimação do sujeito e este uso por sua vez pode ser de dois tipos: um em sentido forte e outro no sentido fraco. O uso fraco, leva em conta apenas “meus interesses,” pautada em razões diferentes, com objetivo de convencer o interlocutor a concordar e aceitar a “minha opinião”. O uso comunicativo forte leva em conta mesmas razões, com o compromisso de se estabelecer o consenso.

No primeiro caso aparecem as pretensões de correção e verdade já reconhecidas no discurso, já no segundo caso um agir comunicativo fraco prioriza as pretensões de verdade veracidade.

Concomitante as pretensões de validade no qual Habermas apresenta, evidenciam-se antes de mais de nada e precisamente a necessidade de um urgente resgate na sociedade pós-moderna, dado cada vez mais a força que o diálogo possui em si, e é caminho de emancipação. Segundo Habermas (2004, p.52): “A validade de uma norma consiste no fato de merecer reconhecimento, o qual possa ser demonstrado pelo discurso.”

Sendo assim para que tal proposição possa ser válida ela precisa ser demonstrada e uma vez que tal proposição é demonstrada no discurso para se manter validada ela ainda precisa de pressupostos já condicionados ao mundo pois à medida que é esta é colocada ela precisa ser novamente reconfigurada ao discurso, caso contrário a força de argumentação entrará em decadência, pois a o nível de compreensão é fator determinante no caminho do entendimento.

A principal função da linguagem é estar de maneira atenuante entre esse sujeito (em construção contínua) e a sociedade (em constante mudança) por isso é preciso falar em um “resgate” em uma relação interdependente no qual o diálogo efetivo só será possível a partir da requisição de um agir pautado na validade cujas pretensões serão verdadeiras e objetivadas pelos falantes, uma vez assim a comunicação será eficaz e terá como efeito o entendimento e o consenso tão defendido por Habermas.

## 5. A ESTRUTURA PROPOSICIONAL-PERFORMATIVA DA LINGUAGEM E A PASSAGEM A UMA TEORIA DO DISCURSO

Os enunciados performativos denotam a execução de uma ação no mundo, ou seja, esses se realizam na medida em que são enunciados, uma vez de maneira natural no qual se trata de forças ilocutivas presentes na relação entre os sujeitos, assim a reflexividade alcançada pela linguagem é ação no mundo que considera o todo social. Há uma dupla articulação da linguagem que se evidencia no entanto na necessidade de romper com paradigmas existentes na sociedade contemporânea, uma vez que linguagem deve ser capaz de gerar o consenso ela torna-se capaz de produzir ampla participação do sujeito na ação comunicativa rompendo assim com determinados paradigmas. A força de uma proposição verifica-se assim na sua capacidade de transmitir uma informação, apresentando conseqüente algo sobre o mundo. Para Luchi (1999, p. 161) essas duas dimensões da linguagem:

[...] constituem a expressão linguística uma performativa, na qual falante e ouvinte estabelecem uma relação interpessoal, e uma proposicional, na qual ambos se referem a algo no mundo. O entendimento produzido numa comunicação deve se dar ao mesmo tempo nos dois planos: naquele da intersubjetividade, no qual os interlocutores geram um relação, e naquele da experiência.

O grande agulhão neste aspecto é passar de uma ação comunicativa ao discurso propriamente elaborado, conseqüentemente estamos falando de sua ética do discurso uma vez que aqui dois princípios são apresentados em sua teoria ética: o princípio de Universalização (U) e o princípio do Discurso (D). Para Lourete (2019, p.52): “[...] para Habermas, sujeitos isolados não são capazes de antecipar normas universais, isto é, válida para todos. O discurso é o único procedimento que permite testar a universalidade das normas.” Sendo este o campo em que ocorre a pragmática universal um campo a posteriori. Para Habermas ainda (1989, p.161):

É só quando retornamos ao plano da teoria da ação e concebemos o Discurso como um prolongamento do agir comunicativo com outros meios que entendemos a verdadeira agudeza da ética do Discurso: podemos encontrar nos pressupostos da argumentação o conteúdo de ‘U’ porque as argumentações representam uma forma refletida do agir comunicativo e porque, nas estruturas do agir orientado para o entendimento mútuo, já estão sempre pressupostas aquelas reciprocidades e relações de reconhecimento em torno dos quais giram todas as ideias morais – na vida quotidiana bem como nas éticas filosóficas.

Neste conjunto, o discurso torna-se ação conseqüente da comunicação, uma vez que esta é capaz orientar o mundo social, à medida que se aproxima e promove no sujeito aspectos de transformação e mudança, encontradas e alicerçadas no discurso, a nuance basilar é tornar o complexo processo comunicativo em relações que possam promover amplas reflexões sobre conseqüente integrar os participantes ao mundo social, por discursos sustentados e motivados pela racionalidade e pela criticidade. Portanto como fica evidenciado em Lourete (2019, p.140): “A intenção principal de Habermas é traçar caminhos para não perder a integração



social emancipadora.” Em última instância observa-se que o pensamento de Habermas fornece importantes bases constituintes para a fundamentação do discurso, por meio de argumentos sólidos, abarcando assim a própria filosofia do direito. De maneira objetiva podemos afirmar que o discurso enquanto só pode ser validado quando as ações comunicativas são problematizadas, e justificadas na sua própria base estrutural. Assim para Siebeneichler (1990, p.98):

Nas ações comunicativas normais, onde existe um consenso fático, realizamos jogos de linguagem e trocamos informações e opiniões sobre os três mundos – o objetivo, o social e o subjetivo – pressupondo ingenuamente a validade dos proferimentos. Esta troca de informações cessa no momento em que passamos ao discurso, porque passamos a colocar em dúvida as pretensões de validade das opiniões. Isto ocorre através da discussão e da apresentação de argumentos.

Sendo assim para que tal proposição possa ser válida ela precisa ser demonstrada e uma vez que tal proposição é demonstrada no discurso para se manter validada ela ainda precisa de pressupostos já condicionados ao mundo pois à medida que é esta é colocada ela precisa ser novamente reconfigurada ao discurso, caso contrário a força de argumentação entrará em decadência, pois a o nível de compreensão é fator determinante no caminho do entendimento. O discurso está inerente ao próprio ao comportamento do sujeito. Para Habermas (2012, p.227):

As estruturas comunicativas mais gerais que os sujeitos aptos a falar e agir aprenderam a dominar não dão apenas *acesso* a determinados contextos; não se limitam a possibilitar a *união* de contextos (e o avanço na formação desses mesmos contextos). [...] Essas mesmas estruturas oferecem ao mesmo tempo os recursos críticos para prescrutar um dado contexto, implodi-lo a partir de dentro e transcendê-lo.

O corolário da teoria habermasiana resulta certamente em aproximar toda a sua teoria ao campo da filosofia da linguagem dada a importância que seu pensamento é presente e contínuo de possibilidades e dada a amplitude de seu pensamento nos mais diversos campos da filosofia fica evidenciado de antemão problemas que poderão surgir dessa aproximação propriamente com a filosofia da linguagem. Para o professor José Pedro Luchi (1999, p. 512-513) os principais problemas que podem surgir de uma ampla ampliação do pensamento de Habermas à própria filosofia da linguagem estão ligados fundamentalmente a questões como:

[...] a ideia da sociedade como um rede de conexões cuja coesão se mantém na expectativa de resolução das pretensões de validade levantadas pelos interlocutores no uso comunicativo da linguagem; a reafirmação de uma racionalidade universalista que abriga unidade e diferença; a tentativa, embora de êxito questionável, de dar espaço ao Sujeito em meio a complexidade das conexões sociais e aquela de pensar a Individualidade em conexão com a Universalidade; a acolhida reflexiva das conexões sistêmicas do processo de produção material, em conjugação com a simbólica do mundo da vida.

A principal função da linguagem é estar de maneira atenuante entre esse sujeito (em construção contínua) e a sociedade (em constante mudança), por isso é preciso falar em um

“resgate” em uma relação interdependente no qual o diálogo efetivo só será possível a partir da requisição de um agir pautado na validade cujas pretensões serão verdadeiras e objetivadas pelos falantes, uma vez assim a comunicação será eficaz e terá como efeito o entendimento e o consenso tão defendido por Habermas.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O caminho percorrido até aqui, à luz da teoria habermasiana, perpassa não somente pelo caminho linguístico para se chegar à explicitação dos procedimentos da racionalidade comunicativa, mas permite alçar nossos olhares para a consolidação da formação da consciência crítica do sujeito a ser conquistada pelas vastas visões de mundo, que se fundamentam assim no próprio âmbito linguístico. Os aspectos relevantes aqui apresentados, não se esgotam, não se reduzem ou muitos menos se esgotam em si mesmos, já que o pensamento de Jürgen Habermas desempenha dentro da filosofia contemporânea relevante, uma vez ainda que a gama de possibilidades apresentadas precisam ser sustentadas e estão no âmbito da sociedade que está em constantes transformações.

Só seremos capazes de compreender sua teoria, ao passo de perceber e compreender os processos comunicativos tão latentes e que estão enraizados em sua teoria do discurso, reconduzida a tão conhecida ética do discurso. O desafio perpassa esse percurso, muito além das compreensões e consenso e tais ações.

Tais ações são marcadas pela mudança de época, onde os novos paradigmas revelam rupturas nos mais diversos eixos sociais, movidos pelas forças culturais, políticas e econômicas de nossa era.

O grande fio condutor está pautado nas relações já constituídas e que vão encontro das constantes mudanças atreladas à linguagem, sendo capaz de conduzir a ações em conjunto, ou seja, por meio de relações arrojadas cuja força estará centrada sobretudo em um verdadeiro entendimento racional alicerçado no poder do discurso.

À medida que o sujeito se percebe como agente da linguagem e a toma como instrumento ele é capaz de romper com qualquer tipo de ignorância presente em sua consciência pessoal e intersubjetiva e percebe o outro no discurso no mesmo caminho, lado a lado, buscando decisões conceituais que possibilitem uma convivência social não violenta.

Obviamente a teoria de Habermas não é uma teoria a ser compreendida com um olhar superficial. É preciso assumir uma ótica que seja capaz dar respostas as mais diversas posições e concepções criadas e recriadas pelo sujeito que sobretudo estão intimamente

atreladas às relações sociais que como sabemos necessitam da coletividade, ou seja do outro. A orientação pela comunicação dada na linguagem é ação problematizada na própria história, por isso podemos considerar a teoria de Habermas uma teoria às aberta as mais diversas possibilidades e que certamente deixam arestas a possíveis críticas. Entretanto a grandiosidade de sua teoria nos conduz a reacender importantes reflexões.

O texto aqui apresentado é um apontamento geral, visto de uma maneira ampla e global pois evidenciou-se apresentar uma parcela de sua teoria comunicativa, os aprofundamentos de sua teoria são campos constantemente desafiadores e que necessitam de uma maior reflexão dentro do campo da tão consolidada filosofia da linguagem. Assim o patamar que Habermas pretende nos levar é entender que é o discurso ainda continua sendo a melhor e mais segura opção para se alcançar um equilíbrio de uma compreensão que possa contribuir não somente para o esclarecimento desse sujeito enquanto tal no mundo, mas que ele se torne participativo, capaz de pôr suas ideias, para lhe dar com o mundo e se deixar questionar, sobretudo nas “pluralidades” que o momento pós-moderno nos apresenta.

Portanto a teoria de Habermas não apresenta uma promessa de felicidade, de paz constante e de bem-estar, pelo contrário é uma teoria em movimento, constituída em uma disposição de falar e agir e esse movimento é provado na racionalidade cujas rupturas que só poderão ser consolidadas quando o sujeito estiver pronto para lhe dar com o novo, com o pensamento diferente em prol de um projeto ainda maior.

Enfim aos nossos olhos talvez a teoria de Habermas seja uma grande utopia, lançada em caminhos incertos, plurais e em constante mudança. Mais que seja uma utopia então, pois como bem salientou Paul Ricoeur a utopia é soar de uma constante abertura ao possível, para ele: “A utopia [...] é a expressão de todas as potencialidades de um grupo que se encontram recalçadas pela ordem existente” (RICOEUR, 1989). Essa potencialidade da teoria de Habermas é constituinte de corriqueiras análises nos mais diversos campos, a conexão chave permeia como vimos não somente a questão filosófica, mais está atrelada aos campos sociais e linguísticos. Esta é sem dúvida uma questão aberta na filosofia contemporânea, cujas bases, no entanto já estão lançadas, e que podem ser ampliadas no vasto campo da comunicação e que conseqüentemente precisa serem legitimadas por meio da cultura, e das expressivas relações com o “outro” pois a linguagem é social, identidade e movimento e o próprio consenso é produto de todos os aspectos em constante conexão.

## **REFERÊNCIAS**

BENVENISTE, Émile. **Da Subjetividade na Linguagem**. In: \_\_\_\_\_. Problemas de Linguística I. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, Pontes, 1988. p.284-293.

BOIAGO, Júlio César. A emancipação por meio da formação discursiva em Jürgen Habermas. **Revista Cultural Helleniká**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 107-128, jan./dez.2020. Disponível em: <<https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/hellenika/article/view/204>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

GRADISKI, Anatoli Konstantin. Mundo da Vida e Intersubjetividade linguística à luz da teoria evolutiva de Habermas. **Kíneses - Revista de Estudos de Pós-graduandos em Filosofia**, Marília, v. 3, n.5, p. 82-92, jul. 2011. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4394/3203>> Acesso em: 24 abr. 2021

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. **Racionalidade e comunicação**. Lisboa: Edições 70, 2002.

\_\_\_\_\_. **Verdade e justificação: ensaios filosóficos**. São Paulo: Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teoria do Agir Comunicativo. v. 1. Racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. 2ª ed. Tradução de Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 2002.

LIMA VAZ, H. C. **Escritos de filosofia VI: Ontologia e história**. São Paulo: Loyola, 2001.

LUCHI, J. P. **A superação da filosofia da consciência em J. Habermas**. PUG, Roma, 1999.

LOURETE, Suzana de Alvarenga. **A legitimidade dos direitos humanos em Jürgen Habermas**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996

PINZANI, Alessandro. **Habermas**. São Paulo: Artmed, 2009.

RICOEUR, PAUL. **Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II**. Porto: Rés-Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. **Teoria da interpretação. O discurso e o excesso de significação**. Trad. por Artur Moão do original inglês “Interpretation Theory: discourse and the surplus of meaning”. Lisboa: Edições 70, 2000.

SAUSSURE, F. (1916) **Curso de Linguística Geral**. Organizado por C. Bally e A. Sechehaye, com a colaboração de A. Riedlinger. 28.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. **Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.